



O HOMEM VAI PARA A COZINHA: MUDANÇAS E CONTINUIDADES NOS PAPÉIS DE GÊNERO ENTRE IMIGRANTES BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS

Viviane Kraieski de Assunção ¹

Pensando comida, migração e gênero

Entre maio e dezembro de 2009, realizei em Boston, Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, uma etnografia das práticas e saberes alimentares de imigrantes brasileiros, considerando a alimentação como um elemento privilegiado para o estudo da vida social por suas dimensões sócio-culturais. Estudos antropológicos têm destacado que os seres humanos não se alimentam apenas de nutrientes, mas também de símbolos e representações que atribuem aos alimentos que consomem. O ato alimentar, as etiquetas à mesa e os modos de preparo dos alimentos são atos concretos que se constituem em lugares de leitura de valores e representações culturais (Poulin 2004). Deste modo, comer é uma atividade rotineira que assume uma posição central no aprendizado social, e é revelador da cultura em que cada um está inserido (Mintz 2001).

A comida é um objeto de estudo privilegiado por marcar tanto uma ação universal (Lévi-Strauss 1965), como definir identidades e estilos de vida regionais e nacionais: “os alimentos que incorporamos nos incorporam por sua vez ao mundo, nos situam no universo” (Fischler 1995: 375). A necessidade de comer está inserida em um sistema de valores próprio de cada cultura – identificar uma comida é identificar seu lugar específico, o que compreende distinguir e classificar os elementos nos quais consiste a alimentação (Douglas 1971). Lévi-Strauss demonstra isso ao fazer uma analogia entre o sistema culinário e a língua. Os vértices do “triângulo culinário” – o cru, o cozido e o apodrecido – são comparados aos fonemas *a*, *i*, *u* ou *k*, *p*, *t*, falados em todas as línguas, tomando, porém, diferentes formas em cada uma delas (Lévi-Strauss 1965).

Além da centralidade da comida na constituição de identidade(s), discursos e práticas alimentares também estão em relação com a organização e definição dos papéis de gênero.² Como

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: vivianekraieski@gmail.com

² Aqui gênero refere-se à construção social do sexo, termo que distingue a dimensão biológica da dimensão sócio-cultural dos indivíduos (Heilborn 1991, Scott 1990). Como define Grossi, “gênero é uma categoria usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual” (1998: 06). Segundo a mesma autora, o gênero está permanentemente sujeito a mudanças, pois “está sendo todo o tempo ressignificado pelas interações concretas entre indivíduos do sexo masculino



afirma Woortmann, “(...) a comida “fala” da família, de homens e de mulheres, tanto para o antropólogo que realiza uma leitura consciente dos hábitos de comer, como para os próprios membros do grupo familiar – e através deste, da sociedade – que realizam uma prática inconsciente de um *habitus* alimentar” (Woortmann 1986). Segundo o mesmo autor, através da percepção da comida, o gênero é construído no plano das representações: “Quando se constrói a refeição se constrói o gênero” (Woortmann 1986: 31). Estudos pioneiros como os de Zaluar (1982) destacam o papel da comida na definição dos papéis de gênero: enquanto a obrigação do homem é a de “colocar comida na mesa”, cabe à mulher economizar para que não falte comida.

Se a comida “fala” de família, ela não define apenas as pessoas, mas as relações que estas mantém entre si (Da Matta 1986: 56). Leach (1978) afirma que observar um grupo de pessoas à mesa permite dizer quem é o chefe da família, quem é o convidado, pela maneira de se comportarem ou pela posição na mesa. Por isso, a refeição apresenta seu aspecto ritual, pois é constituída de atos simbólicos, cujo significado é partilhado por seus participantes. Neste sentido, é interessante também entender a comida como um código, como ensina Douglas, cuja “mensagem trata de diferentes graus de hierarquias, de inclusão e exclusão, de fronteiras e transações através das fronteiras” (1971: 61).

Levando em consideração estes referenciais teóricos, realizei meu trabalho de campo com imigrantes brasileiros em Boston, um contexto que deve ser considerado com suas próprias especificidades. Como observei em minha etnografia, a migração não leva apenas a mudanças na rotina alimentar dos imigrantes, como também pode representar reconfigurações na divisão das tarefas domésticas nas famílias. Neste sentido, procurei atentar para as transformações e continuidades dos papéis de gênero entre os imigrantes. Para pensar em gênero em meu trabalho, considerei homens e mulheres, tentando superar uma tendência de muitos estudos a tratar apenas de gênero quando se refere ao estudo de mulheres. Concordo com Hondagneau-Sotelo de que o gênero é uma importante ferramenta analítica para pensar tanto em experiências de homens quanto em experiências de mulheres, pois é exercido de forma relacional e dinâmica (1994: 3).

A partir da década de 1990, estudos sócio-antropológicos sobre migração começaram a focar o gênero como categoria analítica, mostrando não apenas a feminilização dos fluxos migratórios atuais, como também retomando análises das migrações de décadas anteriores, quando as narrativas não davam conta do papel das mulheres nestas histórias. Como afirma Hondagneau-Sotelo (1994), os processos migratórios são genereficados. Segundo ela, homens e mulheres não

e feminino” (1998: 07). Neste mesmo sentido, pode ser considerado como papel de gênero “tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura” (Grossi 1998: 07).



partilham a mesma experiência de migração, pois as relações de gênero produzem distintos padrões migratórios. A autora destaca que estas relações de gênero circunscrevem opções e decisões nas famílias na hora de migrar.

As relações de gênero também são relevantes para entender as transformações políticas e econômicas nas quais estão incluídas os fluxos migratórios. O processo não é unilateral: o gênero é afetado por forças econômicas e políticas, mas também traduz as formas nas quais estas forças são vivenciadas no interior das famílias e das redes sociais (Hondagneau-Sotelo 1994). Isto pode ser observado nas oportunidades de trabalho para os imigrantes. Sassen (1988, 1991) descreve o processo de crescimento político-econômico nos anos 70 e 80 que levaram à expansão do mercado de serviços e criaram polarização da renda e dos empregos nos Estados Unidos. Enquanto a produção de manufaturas passou a se localizar de forma geograficamente dispersa, grandes cidades norte-americanas começaram a se tornar centros a partir dos quais esta produção era gerenciada. Desta forma, profissionais de grande renda concentraram-se nestas cidades, gerando uma demanda por produtos e serviços de luxo, assim como um aumento das opções residenciais nestes locais voltadas para este público. Esta reestruturação econômica global (pois não se restringe apenas às cidades estadunidenses) também teve como consequência a geração de uma demanda por serviços pouco remunerados que foram sendo preenchidos por trabalhadores imigrantes, como jardinagem e limpeza. Os trabalhos de cuidado (*care*) de crianças e trabalhos domésticos foram (e são) majoritariamente realizados por mulheres.

Estes processos políticos e econômicos que geram demandas de trabalhos que são preenchidos por trabalhadores imigrantes, incluindo mulheres na ocupação de boa parte dos denominados trabalhos de “cuidado”, são fundamentais para pensar as mudanças e continuidades nas rotinas dos imigrantes. Após migrarem, muitas mulheres que antes eram donas-de-casa passam para o mercado de trabalho formal, e algumas são mais bem-remuneradas que seus maridos, até então os principais provedores de rendas em suas famílias. Desta forma, a migração exerce pressões e oferece desafios para homens e mulheres em relação a comportamentos e a papéis de gênero, que podem ser repensados e transformados nestes processos.

O envolvimento de mulheres imigrantes no mercado de trabalho, como mostra Foner (2000), é importante para entender de que formas a migração pode ser muitas vezes libertador para as mulheres imigrantes. Para a autora, a principal mudança ocorreu quando as mulheres passaram a realizar trabalhos fora de suas casas. Como ela mostra, judias e italianas nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, que realizavam trabalhos em casa, como a produção industrial de



comidas, não chegaram a realocar sua posição em relação a outros membros da família. Porque realizavam o trabalho em casa, preservaram (e até intensificaram) a divisão de gênero no trabalho doméstico e do cuidado dos filhos. Foner lembra que a remuneração representa um empoderamento das mulheres, que podem se tornar mais autônomas em relação a seus maridos. No entanto, segundo ela, o mercado de trabalho também pode ser opressivo para as mulheres, pois muitas delas trabalham fora e ainda precisam acomodar as necessidades dos maridos e dos filhos, e frequentemente ganham menos que os homens e realizam trabalhos de baixo status social.

Estas considerações sobre gênero, trabalho e transformações político-econômicas são fundamentais para entender meu objeto de estudo – práticas alimentares de imigrantes brasileiros em Boston – porque podem afetar a dinâmica das relações familiares, gerando transformações e/ou continuidades na rotina e divisão das tarefas no espaço privado. Como mostro a seguir, o trabalho das mulheres imigrantes leva, algumas vezes, a tensões no âmbito familiar. Abordarei esta temática a partir do foco de meu estudo: a cozinha.

Mudanças ou continuidades? Refletindo a partir do campo

Como observei em meu trabalho de campo, o fato das mulheres trabalharem e de algumas delas ganharem mais do que os maridos é descrito por vários imigrantes homens como um dos motivos de separações entre casais. Nos discursos de meus interlocutores, as acusações de que as mulheres se tornaram “gananciosas” e de que “só pensam em dinheiro” são bastante recorrentes. Além destes motivos, muitos homens dizem que as “más companhias” influenciaram as mudanças de comportamento de suas ex-esposas, o que levou ao fim do casamento. João³, por exemplo, trabalhou como açougueiro no Paraná por cerca de trinta anos no açougue da família. Ele, sua então esposa e os dois filhos adolescentes migraram para os Estados Unidos quando os rendimentos do negócio familiar começaram a ser insuficiente para sustentar sua família e a de seus irmãos. João passou a trabalhar como limpador de vidraças e sua esposa como *housecleaner*.⁴ Por causa da rotina de trabalho de sua mulher, que no Brasil era dona-de-casa, João começou a cozinhar diariamente. Após quatro anos em Boston, o casal se separou. Segundo ele, a mulher passou ganhar a mais, a gastar mais também, e teve a influência de “más companhias”. João continua morando na mesma

³ Todos os nomes de meus interlocutores foram substituídos por nomes fictícios para garantir sua privacidade.

⁴ *Housecleaner* pode ser traduzido para o português como “faxineira”. São, em sua maioria, mulheres que realizam limpeza em casas. Sobre as *housecleaners* brasileiras em Boston, ver o trabalho de Fleischer (2002). Hondagneau-Sotelo (2007) também realizou um estudo sobre as *housecleaners* na Califórnia.



casa que a ex-esposa – ele ocupa o *basement* da casa – e cozinha diariamente para ele e para a filha adolescente.

Ricardo também cozinha diariamente para a filha de 15 anos e filho de 12. Ele está separado há dois anos, após ficar casado por 18 anos. Contou-me que ele e sua esposa tinham amizade com 38 casais de brasileiros. Destes, apenas um continua casado. Ele destaca a rotina de trabalho e a busca pelo dinheiro como motivos para tantas separações, inclusive a sua.

Quanto mais tem, mais quer... aí acaba aquele romantismo, aquilo calor... porque o homem trabalhando demais, a mulher também trabalha... aí dá aquele choque, aquele colapso... a pessoa prefere mudar, prefere ter um outro tipo de vida, do que tentar salvar um relacionamento. Isso aqui é muito, muito, muito típico. Tanto casais quanto amigos, porque aí também já entra a soberba. Um quer ter mais vantagem que o outro, o que eu to fazendo... quer dizer, aquele ambiente simples, que tinha no início, aquele relacionamento mais puro que a gente tinha nas nossas cidades, muitos acabam.

Na fala de Ricardo, também observamos a idealização dos relacionamentos nas cidades brasileiros – ele nasceu e viveu até os 18 anos em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais – que são considerados “mais puros”. Ele também cita a “ambição” da ex-mulher como um fator que levou à separação.

A pessoa muda de varias formas. No caso dela, eu não posso dizer assim exatamente o que aconteceu. Mas uma das razões foi ficar rica. Aquela ambição... coisas, coisas, coisas, coisas... se preocupava muito. Presentes tinham que ser jóias. Isso é muito típico aqui também. É pra compensar um pouco da ausência. Se você me da uma jóia e você não está em casa constante, você compensa. Conclusão: quando se separou, levou tudo, inclusive as minhas também, me deixou sem nada.

Hoje em dia, os dois filhos de Ricardo, cidadãos americanos nascidos nos Estados Unidos, moram com ele, que cozinha diariamente e realiza outras atividades domésticas. No caso de Ricardo, assim como no de outros interlocutores de minha pesquisa, não apenas a rotina de trabalho de suas esposas foi responsável pelo fato de seus maridos passarem a cozinhar. Um dos nichos de trabalho mais ocupados por imigrantes em Boston é o setor alimentício. Ricardo e outros brasileiros encontraram trabalho nas cozinhas de restaurantes, o que iniciou seu contato com a atividade de cozinhar, apesar de nunca ter sido cozinheiro nos restaurantes em que trabalhou. Ele também afirma que o modo como cozinha teve a influência de sua mãe, apesar de ter passado a se dedicar à cozinha a partir de 1986, quando migrou para Boston.

Tudo lembrando da minha mãe, porque a minha mãe era uma obra de arte na cozinha. E por ficar muito ali por perto, a gente lembra das coisas, dos quitutes, da comida... então isso volta, volta a lembrança. No começo, você não vai fazer igual. Mas depois, com o tempo, você vai se adaptando. Então hoje, na minha casa, eu não como o mesmo prato todos os dias. Eu diria que desde 86 eu passei a me dedicar mais a cozinha, a ver nos restaurantes, a provar como se faz isso, despertou mais a curiosidade. Então hoje eu faço pratos diversos.



Marcos mora nos Estados Unidos há 22 anos. É de Governador Valadares, e já possui cidadania norte-americana. Quando chegou, indocumentado, trabalhou como *dishwasher*⁵ em um restaurante. Seis meses depois, passou para a cozinha, preparando a salada. Hoje é açougueiro em um açougue norte-americano, que, segundo Marcos e outros interlocutores, paga salários muito maiores do que os açougues brasileiros. Marcos também está à frente de um negócio de família: vende comida em festas, tanto de famílias, como grandes festivais, a exemplo do *Brazilian Day*, em Nova York. Sua esposa, Nara, é *housecleaner*. Segundo Marcos, é ele quem cozinha na maioria das vezes em sua casa. Seu filho, de 14 anos, me explica: “quando minha mãe chega cansada, é ele quem faz”. Assim como Ricardo, afirmou que aprendeu a cozinhar com sua mãe, apesar de ter começado a se dedicar à cozinha depois de ter ido para os Estados Unidos.

A experiência de Antonio é semelhante à de Marcos e Ricardo. Estes últimos passaram a cozinhar com mais frequência e a se desenvolver na cozinha após migrarem, e hoje são os principais responsáveis pelo preparo das refeições nas famílias. Já Antonio aprendeu a cozinhar nos Estados Unidos. Quando chegou a Boston, há 15 anos, solteiro, morou em uma república. “Os dois primeiros dias não comi arroz com feijão, quase passei mal. Pedi pelo amor de Deus pra alguém cozinhar.” Começou a trabalhar como *dishwasher* logo na primeira semana em um restaurante italiano, então passou a se alimentar lá. Antonio, assim como Marcos e Ricardo, afirma ter aprendido a cozinhar vendo os cozinheiros trabalharem. Agora, casado com uma brasileira que conheceu quando voltou ao Brasil pela primeira vez, há 13 anos, divide a cozinha com a esposa. Ele cozinha quando Ana, *housecleaner*, está trabalhando.

Nas experiências destes interlocutores, vemos homens que passaram a se dedicar a cozinha após a migração. A rotina familiar de João e sua família sofreram grandes mudanças, e novos arranjos das atividades domésticas tiveram que ser feitas. Assim como Ricardo, ele passou a ser responsável pela preparação das refeições da família e experienciou mudanças em seu relacionamento conjugal que levaram à separação do casal. Já Marcos e Antonio adaptaram-se às novas rotinas familiares, e não parecem passar por conflitos ao cozinhar para a família, ou, como no caso no segundo, dividir esta tarefa com a esposa. Em comum, eles têm a experiência de ter trabalhado ou estar trabalhando em restaurantes, o que os familiariza com a atividade de cozinhar.

Ainda que possamos ver estes exemplos como mudanças em papéis tradicionais de gênero – a atividade rotineira de cozinhar para a família delegada às mães e/ou esposas – isso não significa que todos os imigrantes passem por estes rearranjos na divisão das tarefas domésticas. De fato,

⁵ Lavador de pratos



vários de meus interlocutores casados disseram-me que são as mulheres/mães/esposas as responsáveis por preparar as refeições da família, assim como as que realizam as demais atividades domésticas, como “fazer a *laundry*”⁶ e a limpeza da casa. São também as mulheres as que vão aos supermercados e compram a comida com mais frequência para a família. Eufrásia é um exemplo. Ela mora em Boston há mais de 20 anos. Seu marido veio antes à procura de trabalho, e, segundo palavras dela, ela migrou com os dois filhos para que eles não ficassem separados dos pais. Um dos filhos agora é ator, formado por uma importante escola de drama de Nova York. “Você pode imaginar quantos banheiros eu lavei para pagar as mensalidades...”, ela me disse, revelando as dificuldades em custear os estudos do filho. O outro filho, mais novo, é tenente do exército americano, e foi chamado para servir no Afeganistão. Ambos moram em outros Estados americanos. Por isso, Eufrásia afirma que não costuma mais cozinhar tanto quanto cozinava antes, quando os filhos moravam com ela e o marido.⁷

Eufrásia contou-me a importância em manter os mesmos hábitos que tinha no Brasil. Segundo ela, “não se pode perder a essência”. Passa roupas com frequência, fato não muito recorrente entre os imigrantes que conheci, que lavam as roupas em *laundries*, e as dobram ainda quentes após retirarem da secadora, evitando que fiquem amassadas.

Eu passo roupa, eu não quero perder esse costume. Eu ainda sou daquele tipo que, se eu to de folga, eu dou areação na minha casa. Eu arrumo minha casa como se eu estivesse no Brasil. Essa semana eu fiz faxina na minha casa sábado e domingo. Mudo minhas coisas de lugar, lavo o chão, eu não quero perder minha essência.

Outra atividade que Eufrásia faz questão de fazer é a comida. Quando a perguntei se seu marido também cozinava, ela respondeu: “Só eu... meu marido não cozinha não... meu marido é brasileiro... (risos)”

Enquanto Eufrásia enfatizava seus esforços para manter sua rotina das tarefas domésticas, e a importância em fazê-lo, outra interlocutora contou-me ter tido experiências diferentes em seus dois casamentos. Andréa migrou para os Estados Unidos aos 20 anos, um mês após ter se casado com um brasileiro. O casamento durou dez anos. Neste período, ela trabalhou como *baby-sitter* e foi a principal responsável pelas tarefas de cozinhar e limpar a casa. Segundo ela, o marido não cozinava, e me explicou: “Ele é brasileiro... eles (os brasileiros) querem que a gente faça tudo para eles...” Ao contrário de Eufrásia, Andréa não vê de forma positivada o suposto fato de homens

⁶ “Fazer a *laundry*”, termo frequentemente falado por brasileiros, quer dizer lavar as roupas, normalmente em lavanderias.

⁷ Durante a pesquisa de campo de meu mestrado, realizado em uma comunidade de camada popular, percebi que muitas interlocutoras referiam-se ao ato de cozinhar como algo que era feito aos outros, especialmente aos filhos e maridos, e raramente apenas para si mesma. Quando viúvas ou separadas, ou quando os filhos saem de casa, recorrentemente afirmavam não cozinhar mais. Ver Assunção, 2007.



brasileiros não cozinham. Atualmente, ela está casada com um norte-americano há cinco anos. Agora, ela cozinha diariamente a “comida brasileira” – arroz, feijão e salada – mas apenas para ela mesma levar como marmita para o almoço no dia seguinte de trabalho. O marido prepara seu próprio *lunch* – um sanduíche que considera mais “*light*”. Nos finais de semana, ele cozinha, na maioria das vezes, pasta, para Andréa e sua filha, ou vão com recorrência a restaurantes.

Com estes exemplos, são as esposas ou mães as responsáveis pela preparação da comida nas famílias. No entanto, é preciso também reconhecer o trabalho das avós. É bastante recorrente a ida das avós para os Estados Unidos quando os netos estão para nascer. A ida destas mulheres auxilia as filhas nos últimos momentos da gestação e nos primeiros cuidados com os recém-nascidos. No caso de Monica, a estadia está sendo mais longa. Ela deixou o marido no Brasil para ficar perto do neto, de cinco anos, em Boston. Desde o nascimento de Mateus, ela cuida da casa onde mora com a filha e seu marido norte-americano. Ela cozinha para o casal e o neto diariamente.

Através destes exemplos etnográficos, percebemos que a migração pode levar a rearranjos na rotina familiar dos imigrantes brasileiros em Boston. Quando chegam aos Estados Unidos, os imigrantes deparam-se com uma árdua rotina de trabalho, e muitas mulheres, que eram donas-de-casa no Brasil e/ou ganhavam salários inferiores ao de seus maridos, passam a se alocar no mercado de trabalho e, algumas vezes, a ganhar mais do que eles. Estas mudanças podem ocasionar tensões e conflitos entre casais, que muitas vezes levam a separações. Percebemos, então, que ao invés de entender a separação entre público e privado de forma dicotômica e polarizada, devemos pensá-la de forma relacional e interdependente. A saída das mulheres para o espaço doméstico do lar para o espaço público do trabalho pode levar a mudanças importantes no ambiente doméstico e nas relações familiares.

No entanto, nem sempre estas mudanças podem ser percebidas. Como citei anteriormente, algumas mulheres que passam a trabalhar fora afirmaram continuar a realizar a maioria dos trabalhos domésticos da mesma forma que faziam antes. Uma de minhas interlocutoras me contou seus esforços para não mudar sua “essência”, que exemplificava como manter sua responsabilidade pela casa e pela cozinha. Outras vezes, a divisão das tarefas domésticas parece ocorrer de forma mais igualitária entre homens e mulheres. Sugiro que o fato de muitos homens trabalharem em cozinhas de restaurantes e cadeias de *fast food* os familiariza com a atividade de cozinhar, o que os leva a preparar refeições também para a família. Ainda assim, “ser brasileiro”, nas palavras de algumas imigrantes, representa a imagem de um homem que não participa das atividades domésticas.



Pensar mudanças e continuidades a partir da alimentação, ou da atividade de cozinhar, levamos às experiências das práticas diárias de imigrantes brasileiros em Boston. É no cotidiano, marcado pelo trabalho, que são vivenciadas as relações de gênero e os (re)arranjos que a experiência migratória impõe nestas relações. A partir das experiências dos imigrantes, vemos que estas dinâmicas se desenvolvem de formas diferentes, e devem ser entendidas considerando esta complexidade.

Referências Bibliográficas

- ASSUNÇÃO, Viviane. *Nem toda receita é Mais Você: estudo etnográfico sobre consumo e recepção de programas televisivos de culinária em camadas médias e populares*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UFSC, Florianópolis, 2007.
- DA MATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil...* Rio de Janeiro, Rocco: 1987.
- DOUGLAS, M. "Deciphering a Meal". In: GEERTZ, C. (org). *Myth, Symbol and Culture*. N.Y.: Norton, 1971. pp. 61-81.
- FISCHLER, Claude. "Gastro-nomía y gastro-anomia. Sabiduría del cuerpo y crisis biocultural de la alimentación contemporánea". In: CONTRERAS, Jesús (org.). *Alimentación y Cultura: Necesidades, ustos y costumbres*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1995.
- FLEISCHER, Soraya Resende. *Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachussetes*. São Paulo: Annablume, 2002.
- FONER, Nancy. *From Ellis Island to JFK: New York's two great waves of immigration*. New Haven London: Yale University Press; New York: Russell Sage Foundation, 2000.
- GROSSI, Miriam Pillar. "Identidade de gênero e sexualidade". *Antropologia em Primeira mão*, Florianópolis, UFSC/PPGAS, 1998.
- HEILBORN, M.L. "Gênero e condição feminina: uma abordagem antropológica", in M.G.R. Neves, D.M. Costa (Eds), *Mulher e Políticas Públicas*. IBAM/UNICEF, Rio de Janeiro, 1991. pp. 23 - 37
- HONDAGNEU-SOTELO, Pierrette. *Gendered transitions: Mexican experience of immigration*. Berkeley: University Of California Press, 1994.
- _____. *Doméstica: immigrant workers cleaning and caring in the shadows of affluence*. Berkeley: University of California Press, 2007.
- LEACH, Edmund. *Cultura e comunicação: a lógica pela qual os símbolos estão ligados*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. "Le triangle culinaire". In: *L'Arc*, no. 26, 1965. pp. 19-29



MINTZ, Sidney W.. Food and anthropology: a brief overview. *Rev. bras. Ci. Soc.* , São Paulo, v. 16, n. 47, 2001 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 May 2008.

POULIN, Jean-Pierre. *Sociologias da Alimentação: Os comedores e o espaço social alimentar*. Fpolis, UFSC: 2004.

SASSEN, Saskia. *The mobility of labor and capital: a study in international investment and labor flow*. New York: Cambridge University Pres, 1988.

_____. *The Global City*. Princeton: Princeton University Press, 1991.

SCOTT, Joan. “Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.” Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

WOORTMANN, Klaas. “A Comida, a Família e a Construção do Gênero Feminino”. *Revista de Ciências Sociais*, 29 (1), 1986. pp.103-30.

ZALUAR, Alba. “As mulheres e a Direção do Consumo Doméstico”. In: ALMEIDA, M.S.K. e outros. *Colcha de Retalhos*. São Paulo: Brasiliense, 1982.